

Introdução	Título
Devés V., Eduardo - Autor/a;	Autor(es)
O pensamento africano sul-saariano : conexões e paralelos com o pensamento latino-americano e o asiático (um esquema)	En:
Río de Janeiro	Lugar
CLACSO EDUCAM	Editorial/Editor
2008	Fecha
Colección CLACSO Coediciones	Colección
Siglo XIX; Pensamiento social; Intelectuales; Historia de las ideas; Trabajo intelectual; Siglo XX; América Latina; África;	Temas
Capítulo de Libro	Tipo de documento
"http://biblioteca.clacso.org.ar/clacso/coediciones/20130724094319/02intro.pdf"	URL
Reconocimiento-No Comercial-Sin Derivadas CC BY-NC-ND http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.0/deed.es	Licencia

**Segui buscando en la Red de Bibliotecas Virtuales de CLACSO**

<http://biblioteca.clacso.edu.ar>

**Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO)**

**Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO)**

**Latin American Council of Social Sciences (CLACSO)**

[www.clacso.edu.ar](http://www.clacso.edu.ar)



Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales  
Conselho Latino-americano de Ciências Sociais  
Latin American Council of Social Sciences



# Introdução

## 1

O pensamento africano sul-saariano\* aumentou significativamente nas últimas décadas e isso deve ser entendido em vários sentidos: em decorrência não só do crescimento da produção e sua diversificação, como também do aumento explosivo da institucionalidade intelectual e da consolidação de agentes étnicos, genéricos e disciplinatórios que geram pensamento. A noção de “pensamento africano sul-saariano” alude a uma realidade que tem crescido enormemente mais que a economia ou a população da região e talvez seja o “pensamento” que tenha tido os melhores índices de crescimento do mundo no último terço do século XX. Este *esquema* pretende ao menos insinuar essa trajetória e esse crescimento.

Sobre o pensamento africano sul-saariano como conjunto, publicaram-se livros importantes que, recentemente, têm aumentado em número, de que são exemplos o clássico de Robert July, *The Origins of Modern African Thought* (1968), o de Pieter Boele van Hensbroek, *Political Discourses in African Thought: 1860 to the Present* (1999), o de Barry Hallen, *A Short History of African Philosophy* (2002), e vários outros trabalhos coletivos, como o de Emmanuel Eze, *Pensamiento Africa-*

---

\* Ao longo do texto, o autor preferiu usar os neologismos “sul-saarianos”, “USA-americanos” e “afro-USA-americanos”, em vez das expressões correspondentes em português “subsaarianos”, “norte-americanos”, “americanos”, ou mesmo a desusada “estadunidenses”, e “afro-americanos. Segundo ele, “esses neologismos [sugeridos pelo autor] procuram, por um lado, remover a conotação de inferioridade que opõe ‘norte-africanos’ a ‘subsaarianos’ e, por outro, evitar a auto-atribuição de totalidade que leva os ‘USA-americanos’ a se denominarem simplesmente ‘americanos’, introduzindo tantas confusões no texto. Por conseguinte, será usada a expressão ‘afro-USA-americanos’ para os descendentes de africanos dos Estados Unidos e ‘afro-americanos’ para todo o continente.”

no. *Ética y Política* (2001), e o de Tsenay Serequeberhan, *African Philosophy. The Essential Readings* (1991), para assinalar alguns dos mais importantes.

Este trabalho não visa, como outros, focar regiões específicas da África Sul-Saariana, como a África Ocidental anglófona (July, 2004; Boele van Hensbroek, 1999) ou a região do Senegal (Manchuelle, 1995), ou as regiões “lusó-falantes” (Pereira, 2002; Bittencourt, 1999; Andrade, 1977), ou a sul-africana (Masilela, 2005), mas sim o conjunto.

## 2

Sendo assim, por que escrever de novo sobre o pensamento sul-saariano? Ou o que pode acrescentar aos anteriores? Uma primeira resposta, claramente insuficiente, é que muito pouco se encontra sobre isso em espanhol\*\* e menos ainda em outros idiomas, salvo em inglês. Mais importante que isso é que este breve *esquema*, sem pretender os níveis de erudição de alguns trabalhos existentes nem seu detalhado aprofundamento na África Ocidental anglófona (que ocupa normalmente dois terços dos trabalhos), aponta para quatro objetivos:

- alcançar uma esquematização do pensamento africano sul-saariano destinada a pessoas que, a partir de múltiplas disciplinas e procedências geoculturais, se interessem pela produção intelectual da região;
- cobrir um espectro notadamente mais vasto que o abarcado pelos textos antes mencionados, concebendo o pensamento sul-saariano com suas necessárias ampliações;
- mostrar alguns paralelos e conexões existentes entre o pensamento sul-saariano e o de outras regiões do mundo, particularmente com outras expressões do pensamento periférico; e
- contribuir para a constituição do pensamento sul-saariano, aportando conceitos, definindo escolas de pensamento, mostrando heranças e conexões e destacando focos de idéias emergentes.

É necessário aprofundar e explicitar mais o ponto número dois e essa questão das ampliações, principalmente porque os estudos sobre o pensamento africano como conjunto conceberam uma África Sul-Saariana demasiadamen-

---

\*\* N. T.: Assim como em português.

te pequena, deixando de lado uma enorme quantidade de focos de produção. Este *esquema* se mantém em duas coordenadas que foram de outros trabalhos: a escrita e a produção em idiomas europeus ou derivados, mas procura cobrir amplamente o campo que recortam as ditas coordenadas.

Em primeiro lugar, abrange mais amplamente o período de estudo, ocupando-se dos 150 anos compreendidos entre 1850 e 2000. Em segundo lugar, considerando a diferença entre africano e negro, inclui no espaço intelectual sul-saariano a produção de intelectualidades negras, brancas e asiáticas. Em terceiro lugar, dá conta de uma produção que não é gerada apenas na África Ocidental anglófona, mas também em outros países – inicialmente, a região sul-africana, apenas abordada em outras histórias do pensamento, os países com intelectualidade francófona, além do Senegal, e os países com intelectualidade lusófona. Em quarto lugar, como continuação do anterior, procura fazer justiça a uma produção que não é unicamente, ou quase unicamente, em inglês, mas também em francês, português e africâner. Em quinto lugar, amplia as disciplinas, indo do ensaio e do pensamento político para disciplinas como o pensamento pedagógico, historiográfico, econômico, filosófico, teológico, estético. Em sexto lugar, abre-se a setores não-convencionais: ao pensamento feminino, buscando os focos de sua emergência; ao pensamento da intelectualidade oriental, especialmente de procedência indiana ou indodescendente; à produção de professores e pesquisadores estrangeiros, mas residentes na África por anos e inseridos no meio intelectual sul-saariano. Em sétimo lugar, considera, mesmo que seja em uma pequena parte, aquilo que está sendo produzido nos espaços islâmicos, nessa outra escola acadêmica que guarda poucas relações com a universitariamente “reconhecida”, mas que incide cada vez mais sobre a realidade da região. Em oitavo lugar, ocupa-se das conexões com o pensamento não-africano, sem restringir-se às conexões mais conhecidas, como com o Caribe e os Estados Unidos.

Em suma, trata-se de reconhecer, cartografar e expor um pensamento sul-saariano ainda, com certeza, de forma incompleta e esquemática, mas muito mais ampla que a convencionalmente reconhecida em outros trabalhos, que parecem não suspeitar da imensa variedade de ecossistemas intelectuais existentes na grande região sul-saariana.

## 3

Entendendo o pensamento sul-saariano como parte do pensamento periférico, trata-se de descobrir aqueles “elementos motrizes” que geram seu movimento, assim como de apreender os mais importantes “motivos” que se reiteram dentro do citado pensamento, estabelecendo parentesco com os de outras intelectualidades que pensam periféricamente, buscando aí, sim, as formas específicas de como se modulam essas expressões da região.

Entende-se por “pensamento periférico” o que é produzido por uma parcela da intelectualidade que pensa em relação ao centro e que, *grosso modo*, se move na disjuntiva “ser como o centro” *versus* “ser como nós mesmos”. Uma intelectualidade periférica (impressionada com o que é o centro, no sentido de admirada com o poder e com a beleza do centro, centro esse que desqualifica os outros como subumanos, decadentes ou bárbaros) gera um tipo de pensamento completamente diferente do das intelectualidades dessas mesmas regiões que não se tinham dado conta da presença do centro e pensavam suas culturas dentro de seus próprios termos ou “cosmovisões” ancestrais. Essas “cosmovisões” ancestrais sofrem um terremoto quando em contato com o centro, aparecendo por todas as partes uma nova intelectualidade que pensa estruturalmente em relação ao centro.

Esse gênero de pensamento só é compreensível a partir de um tipo de sensibilidade cujo caráter se aproxima do complexo de inferioridade, que se revela e se agrava tanto que seus dardos, muitas vezes mais agudos que os do centro, não chegam a este nem ao menos o ofendem, e o centro continua pensando a partir de si mesmo, dando-se conta minimamente dos insultos ou desqualificações que lhe dirige a periferia, pois seu sentimento de superioridade é a melhor couraça. Ao contrário, basta uma suave desqualificação proveniente do centro para que a intelectualidade periférica sangre hemofilicamente.

## 4

Aqueles que estudam o pensamento produzido nos últimos dois séculos nas regiões periféricas formulam algumas perguntas similares: quais são as conexões com o centro? E, mais convencionalmente: quais são as escolas do centro que influenciaram a região? Entre essas escolas, quais tiveram maior impacto? Como os latino-americanos tomaram consciência de si mesmos (Zea, 1976), e

os africanos? Quais foram, na África, os produtos eidéticos gerados com maior originalidade ou maior valor agregado? (Zea, 1976; Boele van Hensbroek, 2002). Quais foram as idéias dessa região em relação ao impacto do centro? (Curtin, 1972; Spitzer, 1972; Herskovits, 1972). Como o pensamento dessa região respondeu aos desafios da realidade ou como conceituou ou concebeu esses desafios? (Masilela, 2005). A pergunta sobre as conexões e os paralelos entre o pensamento de uma região periférica e outra tem sido pouco freqüente. Talvez, em parte pela intuição básica de que os ditos contatos têm sido muito raros, em parte porque os especialistas são de uma das regiões ou de um país destas e desconhecem completamente o resto. Excepcionais são os trabalhos de Curtin (1972), Zea (1982), Górski (1994), M. Laffan (2005). Aqueles que se ocuparam do pensamento sul-saariano especificamente não se interessaram pelas conexões ou paralelos deste com o de outras regiões periféricas, como Tempels (1949) e Hountondji (1973). O mesmo ocorreu com alguns orientados para o pensamento político, que se focaram apenas na África Ocidental ao norte do equador, embora devam ser ressaltadas as conexões que fizeram com o mundo negro norte-americano e do Caribe (July, 1968; Boele van Hensbroek, 1999; Eze, 2001).

Neste *esquema*, busca-se estudar o pensamento africano em si mesmo e como parte (ou expressão) do pensamento periférico e, para tanto, estudar a maneira pela qual esse pensamento assumiu o que se pode chamar de sua condição periférica. Em outras palavras, busca descobrir as maneiras pelas quais o pensamento da África Sul-Saariana modulou os motivos periféricos, quer dizer, aqueles tópicos recorrentes nessas regiões, como, por exemplo, que os seres humanos da África não são inferiores aos do centro, que as contribuições culturais dessas regiões são de alto valor, que a África possui um passado esplendoroso, entre outros. Mas não somente isso, procura mostrar também aspectos do pensamento africano irredutíveis ao de outras regiões.

## 5

Reconhecer o corpo, o território ou o patrimônio do pensamento sul-saariano em toda sua amplitude não pode, porém, ser realizado completamente, ainda que se faça como esses cartógrafos chineses que, como imagina Borges, chegaram, no seu afã de exatidão, a fazer um mapa em escala real tão absolu-

tamente perfeito como absolutamente absurdo e inútil, exceto na medida em que situa a região em relação às demais. Em outras palavras, tão importante como ampliar o estudo do interior é ampliar o estudo das conexões com o exterior: seus paralelos, relações e parentescos. Essa dimensão foi tradicionalmente abordada em seus aspectos mais importantes, as relações do pensamento africano com o pensamento negro americano, tanto caribenho como norte-americano, mas deixando inúmeras relações quase sem tratamento. E deve-se entender que relações são não só de fora para dentro da região, como também o inverso, da mesma forma que se deve entender que tais relações não se dão somente mediando contatos pessoais, mas também que existem paralelos, semelhanças ou parentescos em que houve poucas ou nenhuma relações pessoais.

Como latino-americano, interessou-me, de modo particular, a descoberta de conexões possíveis entre o pensamento da minha região e a sul-saariana, mas, sem dúvida, existem possibilidades tão grandes ou maiores com o pensamento árabe ou islâmico, com o indiano e, mais além, com o asiático em geral, assim como com expressões do pensamento ibérico e eslavo, que compartilharam em certas épocas o caráter periférico.

São de relevância particular as relações entre as ciências econômico-sociais, assim como a teologia latino-americana e suas homólogas sul-saarianas; no pensamento político socialista, existem muitos paralelos com o produzido no mundo árabe da mesma época e o eslavo do século XIX; no pensamento independentista, as conexões com o pensamento indiano são múltiplas, para dar alguns exemplos. As conexões diretas não são menores, especialmente na medida em que se concebe a África mais amplamente, ao mesmo tempo que se ampliam e se solidificam as redes intelectuais. Nas ciências econômico-sociais da América Latina e da África, não existem apenas semelhanças, existem contatos e influências, e algo parecido pode se afirmar da teologia. O pensamento independentista africano recebeu contribuições do pensamento indiano não apenas pela presença de Mahatma Gandhi na África do Sul, mas também pela troca de informação e pela existência de numerosas comunidades asiáticas na região sul-saariana.

Redes teosóficas, comunistas, pan-africanistas, de cientistas sociais, de estudiosos do desenvolvimento, de teólogos, de feministas, ligadas ao estudo e ao

aprofundamento da democracia, entre tantas outras, se conectaram o pensamento que se produz na África com o que se produz fora, sendo chave para entender esse assunto as noções de “circulação de idéias” e de “redes intelectuais”. Essas noções permitem entender melhor os numerosos cruzamentos eidéticos que se deram nos ecossistemas intelectuais africanos. Daí que uma “ampliação” decisiva na cartografia é entender a região sul-saariana nas suas relações com o resto do mundo.

## 6

Elaborar o *esquema* de um pensamento supõe também alguns desafios de ordem teórica. Nesse caso, três foram muito importantes: tematizar as *forças motrizes*, formular os *motivos* mais importantes e avançar na elaboração de *conceitos* que permitam denominar cada espécie dentro da ampla diversidade eidética.

Tematizar as *forças motrizes* significa descobrir e formular conceitualmente aquelas *intenções* ou *objetivos* ou *desígnios* ou *tópicos* que fazem o pensamento africano se movimentar e que permitem entender o sentido do seu movimento.

Os *motivos* são aqueles elementos recorrentes que se vão modulando com matizes em lugares ou épocas por pessoas diferentes e que se fazem reconhecíveis como reiteradas preocupações no espaço sul-saariano, já que compartilhadas com outros pensamentos, especialmente os vindos de outras intelectualidades que pensam perifericamente.

A elaboração de *conceitos* para designar as diferentes espécies eidéticas se depara com o tema único de alguns estudiosos que associaram pensamento africano com “nacionalismo”, mostrando uma falta de imaginação e um desconhecimento da variedade semântica que existe para denominar as escolas de pensamento. A explosão do pensamento africano das últimas décadas faz com que seja cada vez mais interessante para o *eidólogo* reconhecer, nomear e classificar uma variedade de manifestações que se vão proliferando não apenas no seio da filosofia e da teologia, mas também por toda a parte. Isso se torna mais interessante na medida em que, aumentando a longevidade intelectual, há pessoas que durante sua existência produziram várias espécies eidéticas, numa proliferação parecida com a de Schelling, que ao longo de sua vida, diz-se, deu vida a cinco sistemas completamente diferentes. A chave é assumir e nomear essa eidodiversidade.



Vale tudo o que foi dito, por outro lado, como o anúncio de um trabalho posterior que deve incluir a região sul-saariana e a África dentro da compreensão do pensamento das intelectualidades periféricas.

## 7

Por que se ocupar do pensamento africano quando não se é africano, mas sim latino-americano?

Diante dessa pergunta que inúmeras pessoas me fizeram, quero propor algumas respostas que acredito contribuam para dar sentido a este trabalho para a academia latino-americana.

A primeira resposta se refere à necessidade de ampliar o campo temático em comunidades intelectuais como as nossas, muito provincianas e com grandes deficiências na hora de colocar em perspectiva seus casos de estudo e, mais genericamente, seus Estados ou suas economias.

A segunda tem a ver com a criação de uma comunidade de africanistas na América Latina. Existem muitas pessoas que tratam da presença do africano na América Latina, tal como nas religiões, nos costumes, nas etnias, nas migrações, na escravidão e inclusive na música, dança, gastronomia, mas existem pouquíssimas pessoas que conhecem a África propriamente dita.

A terceira, que é a mais relevante para mim, embora se articule às anteriores, se refere às projeções do pensamento latino-americano e à compreensão da nossa produção intelectual além de nossas fronteiras e além das previsíveis conexões com uma pequena parte da Europa Ocidental. O descobrimento da existência, na África, de escolas de pensamento derivadas de escolas latino-americanas, assim como da existência de paralelos e contatos, parece-me oferecer grandes potencialidades aos estudos sobre o pensamento latino-americano. As relações com o pensamento asiático também não são menores nem menos significativas para nós.

A quarta está em que me pareceu ser possível julgar melhor o pensamento latino-americano olhando-o a partir do ou em comparação com o sul-saariano. Esse ponto de vista permite revelar melhor tanto acertos como erros e desafios. Creio que é uma perspectiva extremamente interessante para observar o que se tem produzido na América.

A quinta é porque permite descobrir e ou elaborar “pontos de encontro” ou “pontos para o diálogo”. Colocar frente a frente os pensamentos latino-americano e sul-saariano dá ensejo a trabalhar sobre questões, temas, preocupações, tópicos, motivos que deveriam fecundar, separadamente, ambos os pensamentos e, mais ainda, o pensamento das regiões periféricas e da humanidade. Sendo assim, para configurar pontos de encontro, é melhor fazer uma história do pensamento sul-saariano com um critério mais amplo que o que há dado forma a outras, como o crescimento e a constituição do pan-africanismo, que culminava nas independências. Essa ótica está impedindo que se enxergue o pensamento de Olive Schreiner, José F. Pereira, Jacobus Du Toit e Mohandas Gandhi, como também o de Samir Amin, Colin Leys e Justinian Rweyemamu ou o de Hasan al Turabi, Adelaide Smith de C. H., Paul Kruger e Gustav Preller. Uns por serem brancos; outros, mulheres, asio-descendentes, islâmicos, não-nativos; outros ainda por serem muito maus; e todos por não serem “nacionalistas pan-africanos”. Mas o espaço intelectual na África Sul-Saariana é maior que a constituição do pan-africanismo e do “nacionalismo” (insisto nas aspas). A eidologia não se ocupa dos *bons*, mas sim das idéias geradas por bons, maus e medianos, que são a maioria.

## 8

Em resumo, este *esquema* pretende apresentar as principais figuras do pensamento africano sul-saariano, deixando elas se expressarem com suas próprias palavras e no marco dos ambientes intelectuais no qual se desenvolvem.

Levando em consideração o período entre 1850 e 2000, são abordadas questões políticas como, por exemplo, a construção nacional; econômicas, como o desenvolvimento e a dependência; sociais, como as étnicas, as tribais e de gênero; culturais, como a educação, a criação de um saber africano e a disputa pela hegemonia da compreensão da África; e internacionais, como o colonialismo, o neo-colonialismo, a globalização etc., ainda que apresentando cada um desses elementos em poucas linhas.

A redação é apresentada de duas formas: uma no texto sobre o pensamento africano propriamente dito, outra em notas sobre as conexões. Foi decidido separar esses dois tipos de discurso porque as notas possuem um caráter menos

exaustivo, a partir de comentários eruditos que complementam e dão sentido, mas sem pretensão de perfeição.

As relações entre o pensamento das diversas regiões são apresentadas com base em três critérios:

- As presenças, leituras, influências e reelaborações das idéias de um lugar para outro.
- Os contatos entre as intelectualidades de um lugar e outro.
- A detecção dos *motivos* periféricos, que são os objetivos teóricos que os intelectuais periféricos de diversas partes do mundo plantaram, fruto de padrões que se repetem.

Resumindo, este *esquema* não pretende ser uma breve apresentação do “progresso libertador” do pensamento africano, mas, e esta é uma hipótese forte do trabalho, de um processo de constituição, que quer dizer crescimento, solidificação, caráter, auto-reconhecimento e diversificação. Procurei fazer um esquema do processo de constituição do pensamento sul-saariano e tendo este como exemplo, ou uma figura, do pensamento periférico.

\* \* \*

Este livro é produto do projeto aprovado por FONDECYT-Chile, 1030018. Gostaria de fazer um agradecimento a pessoas e instituições acadêmicas que colaboraram e ou facilitaram esta investigação. A Cesar Ross, co-investigador neste projeto; às minhas assistentes de investigação, Carolina Ortiz, Carolina Agliati e Alejandra Castillo. Ao pessoal da Biblioteca Nacional de Chile e da biblioteca de la Comisión Económica para América Latina, em Santiago; ao professor Amadou Ndoye e à Universidade Cheikh Anta Diop, à doutora Sohkna Gueye e ao pessoal da biblioteca Codesria e do Idep, em Dacar; ao professor Bertrand Hirsch e ao pessoal da biblioteca do Centre de Recherches Africaines, Malher, da Universidade de Paris I; aos professores Marta Casaus A., Teresa García G. e Pedro Martínez Lillo e ao pessoal da biblioteca da Universidad Autónoma de Madrid; ao professor Juan Manuel Santana e à biblioteca da Universidade de las Palmas de la Gran Canaria; à professora Eni de Mesquita e às várias bibliotecas da Universidade de São Paulo; à professora Eloisa Capovilla e à biblioteca da Unisinos, de São Leopoldo (RS); à professora Claudia Wasserman e à biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; ao professor Beluce Bellucci e ao pessoal da biblioteca do Centro de

Estudos Afro-Asiáticos, da Universidade Candido Mendes, do Rio de Janeiro; ao professor Mario Gómez Olivares e à seção África da biblioteca do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, de Lisboa; ao professor Jorge Rodríguez Beruff, aos que trabalham no projeto Umbral, em especial ao professor Manuel Reyes, assim como a Elisa Medina, Noraima Negrón e Eduardo Valsega, e ao pessoal da Biblioteca José Lázaro da Universidade de Puerto Rico em Río Piedras, particularmente a Sylvia Solé e a Manuel Martínez; ao pessoal da Library of Congress de Washington D.C. E, claro, à Universidade de Santiago de Chile e particularmente ao diretor do Instituto de Estudios Avanzados (Ideia), dr. Cristián Parker, por todas as facilidades, assim como à dra. Carmen Norambuena, que, enquanto foi diretora do instituto, atuou com igual gentileza.

Alguns esclarecimentos práticos:

- Todos os textos citados que aparecem na bibliografia em outros idiomas foram traduzidos pelo autor.<sup>\*\*\*</sup>
- Deve-se lembrar que tanto os autores anglófonos quanto lusófonos apresentam o sobrenome paterno em segundo lugar, por isso, se no texto está “José Fontes Pereira”, na bibliografia está como “PEREIRA, José F.”.
- Também se deve levar em conta que as pessoas do Extremo Oriente ordenam seu nome a partir do sobrenome, sendo assim “Sun Yat-sen” virá citado como “SUN, Yat-sen”.
- Os nomes de autores árabes ou de outras regiões do mundo cujas escritas são geralmente fonetizadas segundo a língua dos que os estudam foram fonetizados em espanhol, evitando letras desnecessárias. Assim, está escrito “Abduh” e não “Abdoh”, como fazem os francófonos. Quando foi o próprio autor quem escreveu seu nome utilizando a grafia latina, foi seguida essa escrita, embora existam ali versões, pois livros de autores contemporâneos publicados em francês ou em espanhol vêm com o nome reproduzido de modo diferente.
- Como se observará, existem 18 cartografias cujo objetivo é apresentar em uma supersíntese as influências intelectuais ou as conexões entre pes-

---

<sup>\*\*\*</sup> N.T.: Nesta edição, os títulos traduzidos para o espanhol pelo autor foram retraduzidos para o português.

soas que se articularam em redes. Quem desejar maior conhecimento desse método ou da informação pode acessar [www.umbral.uprrp.edu](http://www.umbral.uprrp.edu) e ali clicar em “Atlas del Pensamiento”.

- Com certeza, versões anteriores de várias partes deste volume foram publicadas antes como artigos. Dentro do sistema FONDECYT-Chile, não pode ser de outra maneira. A publicação de resultados parciais das investigações é uma condição.
- Em anexo, encontra-se uma lista de “pílulas biográficas”, como lembrete para facilitar a leitura.
- Por último, uma sugestão para aqueles que quiserem aprofundar, em espanhol, os assuntos relativos às idéias do mundo periférico, sobre o qual existe pouquíssima bibliografia nesse idioma. Essas pessoas podem acessar [www.encuentointelectuallatinoamericano.org](http://www.encuentointelectuallatinoamericano.org) ou ainda [www.internacionaldelconocimiento.org](http://www.internacionaldelconocimiento.org).